

O CHORO EM BELO HORIZONTE: ASPECTOS HISTÓRICOS, COMPOSITORES- INTÉRPRETES E SUAS OBRAS

THE BRAZILIAN CHORO IN CITY OF BELO HORIZONTE:
HISTORICAL ASPECTS, COMPOSER-PERFORMERS AND THEIR WORKS

Marcos Flávio de Aguiar Freitas - UFMG
marcosflavio@ufmg.br

Fausto Borém - UFMG
fborem@ufmg.br

Resumo: Estudo sobre a trajetória do choro em Belo Horizonte, desde sua vinda do Rio de Janeiro no início do século XX, passando pela formação dos regionais de choro e programas ao vivo de chorões nas antigas rádios da cidade na década de 1930, pelo renascimento do choro na década 1970, até chegar à produção musical do representativo grupo de oito compositores-instrumentistas. A apresentação dos aspectos históricos e dos traços biográficos dos compositores fundamentou-se em entrevistas semi-estruturadas com compositores, instrumentistas e radialistas. O levantamento das partituras autógrafas durante a pesquisa serviu de base para a análise dos exemplos musicais e a organização das listas de obras comentadas.

Palavras-chave: música popular brasileira, música instrumental brasileira, choro em Belo Horizonte, composição musical.

Abstract: Historical study on the development of *choro* in the Brazilian city of Belo Horizonte, since its migration from Rio de Janeiro in the beginning of the twentieth century to the development of the *regional* ensembles and their live performances in the city's early radio stations of the 1930s to the rebirth of *choro* the 1970s to the musical production of eight selected composers-instrumentalists. The composers's biographical data and historical facts are based on interviews with composers, instrumentalists and radio announcers. The analysis of musical excerpts and annotated lists of works departed from the collections of original scores found during the research.

Keywords: Brazilian popular music, Brazilian instrumental music, *choro* in Belo Horizonte, musical composition.

Introdução

Este artigo registra os principais compositores-intérpretes, grupos, obras, fatos e personalidades que fizeram a história do choro na cidade de Belo Horizonte. Como fontes primárias, foram utilizados manuscritos e edições autógrafas de *leadsheets*¹ e entrevistas semi-estruturadas com os principais personagens da história do gênero na capital de Minas Gerais, representados por compositores, intérpretes e radialistas. Apesar de existirem centenas de compositores em Belo Horizonte que escreveram um ou

mais choros, o recorte apresentado neste artigo seguiu três critérios de inclusão: (1) somente choros compostos na cidade de Belo Horizonte; (2) somente compositores que dedicaram sua obra majoritariamente ao gênero e (3) somente compositores que atuam (ou atuaram) profissional e regularmente como instrumentistas em regionais de choro² significativos para a história do gênero na cidade. O acervo de choros pesquisados totalizou 164 obras escritas por oito compositores-intérpretes (ordem alfabética): Ausier V. Santos (5 obras), Belini A. de Andrade (74 obras), Geraldo R. L. de Alvarenga (23 obras), Gustavo H. Monteiro (20 obras), Hélio Pereira (4 obras), Sílvio Carlos S. Costa (18 obras), Waldir Silva (11 obras) e Warley H. Dalmásio (9 obras). Os originais das partituras podem ser encontrados com os compositores ou com o primeiro autor do presente artigo. A seleção e inclusão da análise de apenas um choro de cada compositor buscaram revelar o estilo de cada um, mas não é uma amostra representativa nem panorâmica dos diversos acervos. As listas de obras comentadas incluem dados sobre o tipo (choro ou valsa-choro), ano de composição e dedicatória (quando for o caso). Muitos músicos e divulgadores do choro não citados aqui e, especialmente o público amante deste gênero musical, têm contribuído para preservar esta primeira história do choro em Belo Horizonte. Quando não indicado por citações, as informações históricas aqui apresentadas resultam de um cruzamento de dados das entrevistas realizadas com ANTÃO (2004), ANDRADE (2004), CAMARGO (2004), ALVARENGA (2004), COSTA (2004), PEREIRA (2004), SANTOS (2004), MONTEIRO (2004) e DALMÁSIO (2004).

1. O choro carioca e a emancipação do choro em Belo Horizonte

O choro, um dos mais importantes e difundidos gêneros instrumentais brasileiros, migrou do Rio de Janeiro para Belo Horizonte no início do século XX, pouco tempo depois do início da fundação da nova capital de Minas Gerais no final do século XIX. Popularizou-se na capital do estado, especialmente por meio de partituras e gravações, e difundiu-se pelo interior de Minas Gerais, se abrigando principalmente nos grupos de se-resta e bandas de retreta, que já eram bastante comuns nessa época (LISBOA, 2005, p. 3). Por outro lado, mais tarde, um número significativo de

músicos destes grupos, já familiarizados com o gênero choro, começou a fazer o movimento contrário, vindo de pequenas cidades do interior para a área metropolitana de Belo Horizonte em busca de melhores condições de trabalho.

Ouro Preto tornou-se a capital do Estado de Minas Gerais em 18 de agosto de 1721, mas, com o passar dos anos, já não oferecia condições para ser o centro administrativo, político e financeiro do estado. Houve várias tentativas de mudança da capital nos anos de 1789, 1821, 1833, 1851 e 1867. A cidade que hoje é Belo Horizonte nasceu a partir de um grande curral de gado, cujo primeiro povoado foi fundado em 1701. Em 12 de dezembro de 1897, Belo Horizonte se tornou a capital do estado, mesmo ano em que Alfredo da Rocha Viana Filho, o genial Pixinguinha, nascia no Rio de Janeiro, autor de cerca de 1.000 composições (ALBIN, 2003, p.55) e ainda considerado o epítome do gênero.

Enquanto ainda estavam em curso as últimas lutas políticas para a mudança da capital do Estado de Minas Gerais de Ouro Preto para Belo Horizonte, já havia na corte do Rio de Janeiro um acentuado e amadurecido movimento musical. Ali, o choro se delineava como um gênero musical definido (CAZES, 1999, p.21). Joaquim Antônio da Silva Callado (1848-1880), Chiquinha Gonzaga (1847-1921), Ernesto Nazaré (1863-1934) e Anacleto de Medeiros (1866-1907) já eram compositores renomados.

Mais do que erguer prédios, ruas e jardins no imenso canteiro de obras do final do século XIX que era Belo Horizonte, havia dos administradores públicos uma preocupação em transformar a vida provinciana do antigo arraial, trazendo para o povo mais cultura e um estilo de vida mais cosmopolita. Assim, foram criados um teatro provisório (1895), o *Clube Recreativo Belo Horizonte* (1894), o *Club Sportivo 17 de Dezembro* (1895) e a *Biblioteca Municipal* (1895). Essas iniciativas buscavam dotar a cidade de elementos que pudessem sustentar uma vida culturalmente mais diversificada. Foi com este espírito que o arquiteto português Alfredo Camarate organizou a primeira banda de música da cidade, a Sociedade Musical Carlos Gomes, em 11 de julho de 1896 (SECRETARIA DE CULTURA, PREFEITURA DE BELO HORIZONTE, p. 22). Desempenhando um papel relevante na construção do lazer e da cultura da cidade, essa banda esteve presente nos principais eventos oficiais de sua história inicial, como a inauguração do Parque Municipal de Belo Horizonte em 26 de setembro de 1897, a inaugu-

ração da iluminação elétrica em 11 de dezembro de 1897 e a cerimônia de inauguração final da capital em 12 de dezembro de 1897.

Em 1896, mesmo ano de formação da *Banda Carlos Gomes* de Belo Horizonte, nascia, pela iniciativa de Anacleto de Medeiros, a famosa *Banda do Corpo de Bombeiros do Rio de Janeiro*. Composta em grande parte por chorões, com Anacleto na regência, a banda passou a se destacar das demais “*pela melhor afinação, leveza e arranjos bem acabados*” (CAZES, 1999, p.30). A integração que Anacleto realizou entre as bandas militares e a cultura das rodas de choro do Rio de Janeiro enriqueceu e valorizou muito as duas manifestações musicais. Escrevendo arranjos e composições para banda, grupo com maior mobilidade e potencial instrumental, ele possibilitou que a linguagem chorística se propagasse como antes não havia acontecido. Esta importância das bandas (militares e civis) para o choro continuou no século XX adentro, mesmo que muitas vezes ignoradas ou destituídas de sua importância social, seja pela falta de apoio, seja pela má qualidade de alguns grupos. Cazes (1999) comenta que,

Para se ter uma idéia, Joaquim Antônio da Silva Callado (1848) e Paulo Moura (1932), ambos filhos de mestres de banda, tiveram o mesmo tipo de iniciação musical com quase um século de diferença. Outros grandes músicos e compositores como Capiba, Severino Araújo, Netinho, Claudionor Cruz e Moacyr Santos também aprenderam música em casa e começaram cedo tocando na banda dos pais. (p.33).

Os primeiros registros fonográficos do repertório do choro foram realizados em 1902 pela *Banda do Corpo de Bombeiros do Rio de Janeiro*, quando também foram incluídas valsas, polcas, tangos, sendo algumas composições do próprio Anacleto de Medeiros. Já as primeiras gravações de solistas de choro começam a aparecer em 1907, com os grupos *Novo Cordão* e *Cavaquinho de Ouro*, ambos do Rio de Janeiro. Repetindo uma negligência habitual do período (BRASIL DE MATOS GUEDES, 2003, p.20), os componentes do *Novo Cordão* não são identificados nas gravações, mas os discos históricos desse grupo já mostram o violão começando a desenvolver as chamadas baixarias,³ (CAZES, 1999, p. 42) e solos com os comedidos improvisos de instrumentos solistas, os quais, ainda hoje, são duas marcantes características das práticas de performance do choro.

A música praticada por Ernesto Nazaré e Chiquinha Gonzaga, entre outros, tinha nas partituras seu principal meio de divulgação, espe-

cialmente fora do Rio de Janeiro. O interesse popular pelo novo gênero era notável. Por exemplo, a polca (choro) *Atraente* de Chiquinha Gonzaga, composta em fevereiro de 1877, já estava na sua 15ª edição em novembro do mesmo ano (CAZES, 1999, p. 35). Entretanto, com o advento das gravações, músicos dos mais diversos locais do Brasil puderam ouvir e absorver o sotaque tão peculiar das práticas de performance do choro, expressão que é impossível de ser codificada e comunicada apenas na partitura. Posteriormente, o advento da rádiotransmissão daria um passo ainda mais largo para que o choro lançasse sementes definitivas em um território mais amplo e firmasse suas raízes na cultura musical mineira.

O período em que o choro carioca foi difundido em Belo Horizonte principalmente por meio das edições de partituras vindas do Rio de Janeiro se estende até o início da década de 1930, quando começou a ser possível ouvir choros nas rádios. Entretanto, um marco importante arejou os ouvidos da capital mineira nesse meio tempo: a apresentação de Pixinguinha com o grupo *Oito Batutas* em 21 de janeiro de 1920 no *Cine América*. Patrocinados por Arnaldo Guinle, um dos homens mais ricos do Brasil na época, Pixinguinha, Raul Palmieri, José Alves, China, Jacó Palmieri, Luiz de Oliveira, Donga e Néelson Alves viajaram em turnê, no final do ano de 1919, com o duplo objetivo de divulgar a sua música e coletar dados sobre a música popular brasileira por onde andavam (CABRAL, 1997, p.55). Ainda em 1919, João Pernambuco foi incorporado ao grupo que iria visitar os estados de São Paulo, Paraná e Minas Gerais e, depois, em 1921, a Bahia e Pernambuco (ALBIN, 2003, p. 59).

Três dias após a estréia no *Cine América* em Belo Horizonte, os *Oito Batutas* tocaram novamente no *Teatro Municipal*, além de fazer sessões vespertinas no *Cinema Comércio*. Segundo Sérgio CABRAL (1997, p.56), o *Jornal de Minas* destacou a participação de João Pernambuco e Pixinguinha, que “evocou magistralmente a alma de Patápio Silva na vigorosa execução de seu maravilhoso instrumento”.⁴ O contato dos mineiros com o grupo mais significativo do choro de todos os tempos foi um marco na formação dos primeiros grupos regionais de Belo Horizonte.

Em Belo Horizonte, um forte estímulo à sobrevivência dos grupos regionais antes das rádios foram os saraus. As reuniões familiares, festas, serenatas e bandas de música agregavam estes músicos em um ambiente acolhedor. Nos bairros da cidade, a atuação de muitos grupos se restrin-

giam aos encontros domésticos. Segundo Hélio PEREIRA (2004) e o radialista Acir ANTÃO (2004), os encontros para se tocar choro aconteciam em casas de particulares em bairros afastados do centro da cidade, como a residência de José Amâncio (no bairro Vila Nova Esperança), de Zé Barbeiro (no bairro Salgado Filho), de Bizeca e Antônio do Breque (no bairro Aparecida) e de Aristides (no bairro Nova Esperança). Muitos músicos abriam as portas de suas casas para saraus aos domingos. José Amâncio (violonista) recebia freqüentemente Jovelino (violão), Moreira (clarinete), Onofre (cavaco), Tamis (bandolim), Vicente Malaquias (flauta), dentre outros. A casa de João Castelhana (violão tenor) também virou ponto de encontro para Nonô (cavaco), Hélio Pereira (violão), Aláides (pandeiro) e Antônio Aguilar (bandolim). Aristides do trombone também realizava reuniões freqüentes em sua casa. Seu irmão Duca, conhecido pelo temperamento explosivo e pelo talento de multi-instrumentista, tocava bandolim, cavaquinho, violão e banjo. Segundo Antão (2004),

...o engraçado era que por muito pouco ele entrava em uma confusão e quebrava na cabeça de seu desafeto o instrumento que estivesse tocando no momento. Daí era um drama para que alguém da roda de choro emprestasse a ele um instrumento para que ele pudesse tocar. Estes encontros eram regados a café e cachaça, já que na época cerveja era artigo de luxo.

Com a popularização do rádio na década de 1930, a música popular brasileira teve um grande impulso. Em Belo Horizonte, a Rádio Mineira foi a primeira a ser criada, em fevereiro de 1927. Mas foi o ano de 1936 que viu aparecer duas rádios fundamentais na história do choro nessa cidade: a Rádio Guarani e a Rádio Inconfidência. A Rádio Guarani, mais popular, tinha programas musicais misturados com humor:

“Uma das atrações favoritas do público era *A Hora do recruta*, comandada por Rômulo Paes. A novidade estava na presença de um carrasco no palco para castigar os calouros que não cantassem ou não se apresentassem bem... muitas revelações surgiram: não somente astros e estrelas da música, mas orquestra, **conjuntos** [grifo nosso] e grupos teatrais.” (Marcelo Dolabela citado por Prata, 2003)

Já a Rádio Inconfidência tinha uma programação mais elitizada e, embora tivesse nos programas *Ópera da semana*, *Discoteca da boa música*

e *Concertos* os seus carros-chefes musicais, apresentava enormes e variados *casts* descrito por Wanir Siqueira (citada por Prata, 2003) como,

...abastecidos de nomes suficientes para cobrir mais de 18 horas diárias de programação... em seus tempos áureos, reuniu cerca de 500 integrantes; com três conjuntos – o melódico e **dois regionais** [grifo nosso]; além de 4 orquestras fixas – a clássica, a de danças, a típica e a de cordas; tendo de 1940 a 1960, 2.360 arranjos exclusivos escritos para seus intérpretes.

A Rádio Inconfidência (que começou a operar em 1936) e a Rádio Guarani contrataram músicos para formar os primeiros regionais de Belo Horizonte. Segundo Duarte (2001, p.39),

...além das Orquestras, a Rádio Inconfidência tinha também os seguintes conjuntos: Ritmos PRI – 3, Quarteto Dominó (vocal) e um conjunto denominado Regional [...].

Com as três rádios principais de Belo Horizonte mantendo programações musicais intensas desde a década de 1930, a Rádio Itatiaia, criada em Nova Lima em 1951 e operando em Belo Horizonte desde 1952, preferiu não competir na área musical, concentrando-se no jornalismo e esporte.

Compositores, cantores e vários grupos musicais subitamente se tornaram conhecidos usando o rádio como principal meio de divulgação. Dentro deste ambiente efervescente, os regionais de choro tinham um lugar de destaque, pois sua flexibilidade e disponibilidade de entrar no ar *ao vivo* e a qualquer momento faziam deles uma espécie de curinga da programação. Ao contrário dos músicos de orquestra, que dependiam de arranjos com partes minuciosamente anotadas e ensaios, os músicos de choro “tinham a agilidade e o poder de improvisação para tapar buracos e resolver qualquer parada no que se referisse ao acompanhamento de cantores” (CAZES, 1999, p. 85). O compositor-intérprete e líder de regional Waldir SILVA (2004), que trabalhou na Rádio Inconfidência no áureo período do choro, confirma que além de acompanhar os cantores, “o regional era o tapa-buraco, quando acontecia algum problema ou falha na programação”.

Pelos regionais que se apresentavam nas rádios Guarani, Inconfidência e Mineira passaram músicos como: Juvenal Dias (flauta), Bento de Oliveira (violão), Ofir Mendes (clarineta), Hilário Alves (violão), Mário Vaz

de Melo (pandeiro), João Batista Júnior – Zinho (cavaco afinado como bândolim), Nico (flauta), Miro (cavaco), Aristides (violão), Tuta (violão; preferido do cantor Orlando Silva), Jair Silva (pandeiro), Orlando Pinto (bândolim), Inhô (cavaquinho), Nonô Caolho (cavaco), Chiquinho (7cordas), Canhoto (violão), Rocha (clarinete), Veludo (acordeon), Aláides (pandeiro), Lagoeiro (flauta), e provavelmente outros, esquecidos pela memória dos entrevistados.

Segundo SILVA (2004), o trabalho na Rádio Inconfidência chegou a ficar tão pesado que a direção contratou um regional chamado de “Regional B”, para dividir o serviço com o primeiro. Este regional foi montado por Genaro Cruz (Acordeon) e contava com ele próprio, Waldir Silva (cavaco), Milton Mota (violão), João Fagundes (violão), Alcemar (trompete), Bororó (percussão) e Osvaldo Jordão (pandeiro).

Na década de 1960, os grupos regionais começaram a perder sua importância nas rádios e, conseqüentemente, entre o público, já que a programação desses meios de comunicação em massa tornava-se cada vez mais mecânica, forçando a dispensa dos artistas que compunham as orquestras e regionais. Repetindo o início de sua história, os grupos de choro voltaram-se mais para as rodas de choro, nos ambientes familiares, bares e restaurantes. Sua música passa a ser mais admirada em encontros domésticos ou de cunho não comercial como aniversários e serestas, ou em estabelecimentos preocupados em oferecer música alternativa aos estilos da bossa-nova, jovem guarda, canções de protesto, tropicalismo e música estrangeira que predominava nas rádios. Ironicamente, a censura da ditadura brasileira às letras de canções que se acirrou ao longo da década de 1960 e, conseqüentemente, levou ao fim dos festivais da canção, contribuiu para a reabertura de um espaço para os gêneros instrumentais, o que favoreceu a redescoberta do choro na década de 1970. Segundo Bahiana (1979/1980, p. 79-81),

O predomínio do texto atingiu seu pique máximo com os festivais, nos derradeiros anos 60 e primeiros 70 – e quando a censura empenhou esforços para emudecer a música brasileira, os primeiros murmúrios da música instrumental – sem texto, portanto, teoricamente, incensurável e livre – se fizeram ouvir... mas o jejum forçado imposto às platéias não criou de imediato um interesse por música instrumental... só começou a registrar dados positivos de crescimento a partir de 1974.

Músicos como Pixinguinha, Jacob do Bandolim, Waldir Azevedo e do mineiro Abel Ferreira passaram a ser conhecidos fora dos círculos de especialistas e diletantes. Nesta nova e promissora fase da história do choro, observou-se, em todo o Brasil, o nascimento de grupos espelhados nestes ídolos e seus grupos. O grupo *Naquele Tempo*,⁵ um dos primeiros regionais de expressão em Belo Horizonte, teve a seguinte formação: Flávio Fontinelli (bandolim), Eduardo Delgado (flauta), Branco (cavaco), Sesquatro (violão), Jaime (7cordas), Bigô (pandeiro). Outros grupos importantes de Belo Horizonte surgidos neste período foram *Abandonado Choro*, *Saca-trapo*, *Sarau Brasileiro*, *Clube do Choro*, *Flor de Abacate*⁶ e *Waldir Silva e Grupo*.

Se Belini de Andrade é o compositor-intérprete que mais choros produziu em Belo Horizonte, Waldir Silva foi o primeiro a se firmar nacionalmente como instrumentista e compositor de choro sem ter que migrar de Belo Horizonte para o Rio de Janeiro ou São Paulo, o que ocorreu por meio de gravações e inclusão de choros com trilhas de telenovela.

Outro marco na história do choro em Belo Horizonte foi a criação do *Clube do Choro*, a partir de reuniões de amigos chorões na casa de Wagner (irmão de Belini Andrade) na década de 1980. A organização desta entidade civil tinha o próprio Wagner (7Cordas), como Presidente, Acir Antão como Vice-Presidente, Belini Andrade como Diretor Artístico e Shirlei (esposa de José Carlos do cavaquinho), como Secretária. Posteriormente, Wagner 7Cordas criou o bar *Beco do Choro* em 1984, que foi a primeira casa a tocar exclusivamente este gênero musical na cidade. Contando com a divulgação do radialista Acir Antão, o bar se firmou no cenário musical de Belo Horizonte, abrindo de sexta a domingo, até seu fechamento em 1989. Os músicos que passaram pelo grupo do *Beco do Choro* foram muitos, dentre eles: Wagner (7 cordas), Belini Andrade (sax), Mozart (violão), Baesi (cavaco), Zito (pandeiro), Cícero (Acordeon), Camargo (pandeiro), Luiz Zacarias (bandolim), Toninho (cavaco), Antônio (bandolim), além também da participação esporádica de diversos artistas nas suas famosas “canjas”.⁷ O *Clube do Choro* e o bar *Beco do Choro* encerraram suas atividades ao mesmo tempo, aparentemente pela perda de objetivos comuns de seus idealizadores. As atas e registros que documentam a história de ambos ainda estão em posse de seu primeiro presidente, Wagner 7Cordas.

Atualmente, o cenário do choro em Belo Horizonte é rico e diverso, bem representado em várias casas noturnas que dão espaço aos grupos de choro pelo menos um dia por semana. *Pedacinhos do Céu*,⁸ sob o comando do cavaquinista e compositor-intérprete Ausier, é hoje o principal reduto do choro em Belo Horizonte, permitindo apenas choros na sua programação desde sua criação em 1996. Atrai, como pode-se observar pelas fotos que decoram suas paredes, os principais músicos e grupos de choro do país, além de personalidades que ali vão atraídas pela sua mística. O *Bar do Bolão*,⁹ no bairro Padre Eustáquio, mantém viva a tradição de reunir uma roda de choro todas as quintas-feiras desde 1992. Seu grupo base é formado hoje por Ildeu Vilanova (bandolim), Zito (pandeiro), Silvio Carlos (7cordas), Mozart (violão), José Carlos (cavaquinho), Jonas Cruz (bandolim) e, como de praxe, é sempre acrescido por outros músicos que aparecem para dar *canjas*.

Foi no *Bar do Bolão* que ocorreu a mobilização que resultou na mais nova entidade dedicada à divulgação e promoção do gênero na cidade. Criado em 31 de maio 2006, o *Clube do Choro de Belo Horizonte* tem como primeiro Presidente o bandolinista Jonas Cruz e mantém encontros mensais regulares, um acervo de partituras, um site para divulgação (www.clubedochorodebh.com.br), o regional *Grupo Belo Choro* de formação variável que o representa em eventos diversos, além do jornal bimestral *Choro na Pauta*.

Como em todo o país, em parte devido à sua história de altos e baixos, muitos grupos de choro nasceram e foram desfeitos na história de Belo Horizonte. Entre os que conseguiram se manter por um tempo maior e hoje são referência musical na cidade, se destacam: *Sarau Brasileiro*, *Waldir Silva e grupo*, *Pedacinhos do Céu*, *Paulinho 7cordas e grupo*, *Wagner 7cordas e Grupo*, *Siricotico*, *Elisa do Acordeon e Grupo*, *Flor de Abacate*, *Corta Jaca* e *Choro de Minas*.

Alguns grupos regionais de Belo Horizonte se destacaram na gravação de discos comerciais. O grupo *Sarau Brasileiro* lançou o CD *Sarau Brasileiro interpreta Geraldo Alvarenga* (2001), o qual, como o nome sugere, inclui obras de seu idealizador e líder cavaquinista Geraldo Alvarenga. O grupo *Flor de Abacate* tem três CDs gravados: *Flor de Abacate* (1999), *Batuque* (2002) e *Belini Andrade e Flor de Abacate* (2004), este último totalmente dedicado às obras do compositor Belini Andrade. O grupo *Corta*

Jaca gravou os CDs *Corta Jaca* (2005) e *Mina de Choro* (2008) e o DVD *Na Levada do Choro: Um almanaque musical* (2008). Este DVD se constitui em um dos mais importantes documentos sobre o choro em Minas Gerais, pois reúne informações em forma de documentário, realizado durante a turnê do grupo pelas cidades de Betim, Belo Horizonte, Diamantina, Ouro Preto, São João Del Rei, Uberaba e Uberlândia. Mais recentemente, destacam-se os trabalhos individuais de Warley Henrique (cavaquinista) com o CD *Delicado* (2008) e Marcos Frederico (bandolinista) com o CD *Sinuca Tropical* (2007).

2. Oito compositores representativos do choro em Belo Horizonte e suas obras

Os oito compositores-intérpretes selecionados neste estudo como representativos do choro em Belo Horizonte, representam três gerações desde o surgimento o gênero na cidade até hoje:

Primeira fase (a partir de 1930): Waldir Silva, Belini Alves de Andrade e Hélio Pereira, que viveram o início da consolidação do choro em Belo Horizonte, sua era de ouro até a década de 1950 e depois.

Segunda fase (a partir da década de 1970): Geraldo R. L. de Alvarenga, Sílvio Carlos Costa e Ausier V. Santos, que viveram o renascimento nacional do choro durante o regime militar e depois.

Terceira fase (a partir de 2000): Gustavo Humberto Monteiro e Warley Henrique Dalmásio, cuja geração mais recente apresenta um choro eclético com influências do pagode, jazz, rock e música erudita.

A seguir, esses chorões são apresentados em ordem alfabética, com seus dados biográficos e listas de obras, também arranjadas alfabeticamente, incluindo título e tipo, ano de composição, dedicatória ou aspecto relevante sobre a composição.

2.1 Ausier Vinícius dos Santos

Ausier Vinícius nasceu no dia 2 de dezembro de 1961 em Peçanha, Minas Gerais. Seu avô, clarinetista da banda de música local, foi seu modelo musical. Desde muito novo, gostava de vê-lo tocar em casa, e ganhou deste um cavaquinho quando tinha 7 anos de idade. Aos 9 anos, sua mãe lhe presenteou com um violão. Aos 15 anos, demonstrando grande musicalidade, já liderava uma banda de bailes da região. Frustrado de ver jovens colegas saírem continuamente de sua banda para procurar melhores condições profissionais em Belo Horizonte, Ausier selecionou uma turma de músicos mais experientes de sua cidade, apaixonados pelo choro e seresta. Foi então que se dedicou mais à prática do cavaquinho. Aos 18 anos, ganhou seu primeiro disco de Waldir Azevedo, personagem em quem se espelhou e que viria a se tornar seu maior ídolo.

Ausier veio para Belo Horizonte em 1989, para trabalhar como bancário. Desistiu desta profissão em 1996 e abriu o bar *Pedacinhos do Céu*, inicialmente aberto no bairro Dona Clara. Sete meses depois, o bar que hoje é a casa de choro mais conhecida da cidade, mudou-se para o bairro Alto Caiçara. Antes de montar seu grupo de choro, que tem o mesmo nome do bar, Ausier tocou em Belo Horizonte com Silvio Carlos (atualmente violonista do grupo *Flor de Abacate*), Geraldo Alvarenga (atualmente do grupo *Sarau Brasileiro*), dentre outros. O grupo *Pedacinhos do Céu* tem contado com nomes como Sampaio (trombone), Mário (clarinete), Geraldinho Felício (7cordas), Frederico (pandeiro), Tião (bandolim), Marquinhos (cavaquinho), Gilmar (pandeiro), Tião (bandolim), dentre muitos outros que já tocaram em seu grupo. Como compositor, Ausier teve como maiores influências Waldir Azevedo e Pixinguinha (SANTOS, 2005).

Dentro de sua pequena, mas significativa produção (Tabela 1), sua primeira obra, o *Chorinho da Jéssica*, foi dedicado à sua filha. Nele, Ausier mostra algumas influências de seus modelos, como a virtuosidade do jorro de semicolcheias contínuas em escalas e arpejos, padrão que é quebrado pelo contraste rítmico das quiálteras que aparecem na introdução (cuja estranheza é realçada pelo arpejo do acorde de dominante aumentada: Sol - Si - Mib) e pelas síncopas esporádicas. A anacruse em notas repetidas no início do tema também é característica do repertório do choro (Exemplo 1).

Exemplo 1: *Chorinho da Jéssica* de Ausier Vinícius dos Santos.

Tabela 1: Lista de choros de Ausier Vinícius dos Santos compostos em Belo Horizonte.

01	<i>Chorinho da Jéssica</i>	choro	1991
Dedicado à sua filha			
02	<i>Minha doce paixão</i>	valsa-choro	2004
Homenagem à sua sogra, Dona Paixão			
03	<i>Momento de paz</i>	valsa-choro	2004
04	<i>Tema pra Celinha</i>	choro	2003
Dedicado à sua esposa			
05	<i>Um choro para D. Olinda</i>	choro	2000
Dedicado à Dona Olinda Azevedo, viúva de Waldir Azevedo			

2.2 *Belini Alves de Andrade*

Belini nasceu em 19 de outubro de 1920 em Abaeté, Minas Gerais. Seu pai, que foi mestre da banda de música da cidade, levava Belini aos ensaios desde muito cedo. Aos 10 anos, deu-lhe um saxofone, o primeiro de vários instrumentos, os quais aprendeu rapidamente. Além da banda de música, seu pai também dirigia um grupo de choro, influenciando seu gosto pelo gênero desde a infância. Com 15 anos, mudou-se para Belo Horizonte, conhecendo o bandolinista Orlando Pinto na Rádio Mineira, influência que acabou por sedimentar sua paixão pelo choro.

Aos 17 anos, já era exímio saxofonista e conhecia bem o repertório de choro, principalmente o de Luiz Americano, cujos discos seu pai adquiria com frequência. Nesta época, mudou-se para Belo Horizonte para servir ao Exército, onde rapidamente foi promovido a cabo. Lá, Belini parava em frente à sala da banda militar todos os dias para admirar os ensaios. Um dia, o mestre da banda o convidou a fazer um teste e, impressionado

com a musicalidade do jovem, lhe convidou para ingressar na banda. Embora tivesse de ser rebaixado a soldado para assumir a nova posição, a música falou mais alto em seu coração e Belini optou por perder a divisa de cabo. Mas em pouco tempo já era músico de 2ª classe da banda de música do Exército.

Esteve no serviço militar por 10 anos em Belo Horizonte e foi transferido para o Rio de Janeiro, onde ficou por 6 anos. Voltou a Belo Horizonte, onde se aposentou como maestro da Banda de Música do 12º Batalhão de Infantaria. Nesta cidade, tocou em diversas orquestras e grupos, um dos quais ele mesmo criou no bairro Padre Eustáquio, o grupo *Sacatrapo*, o qual tinha, como integrantes costumazes, Bernardo (violão), Orlando (bandolim) e Pinheiro (violão de sete cordas). Mais tarde, a partir da idéia de seu irmão Wagner, que tocava cavaquinho e depois violão de sete cordas, abriram o bar *Beco do Choro*, funcionando às sextas-feiras, sábados e domingos, de 1984 a 1989. Primeira casa a tocar exclusivamente este gênero em Belo Horizonte, o *Beco do Choro* deu nome ao grupo de Belini e também a um choro de sua autoria. O grupo era formado por ele no sax soprano e tenor, Wagner (7cordas), Mozart (violão), Baesi (Cavaquinho), Cícero (acordeom), Zito (pandeiro), com a participação de outros que também freqüentavam o bar assiduamente.

Entre os compositores que mais influenciaram Belini estão Rada-més Gnattali e Luiz Americano. Começou a compor em 1940, dedicando-se principalmente a choros e valsas. Escreveu cerca de 200 obras, 74 das quais em Belo Horizonte (Tabela 2), sendo que a maior parte de sua produção ainda se encontra na forma manuscrita. Possui dois álbuns de partituras editados, sendo que o primeiro traz *facsímel*s de manuscritos de choros e valsas copiados à mão pela eminente pianista e pedagoga Berenice Menegale, Professora da Escola de Música da UFMG e Diretora da Fundação Artística de Belo Horizonte. Atualmente, aos 89 anos, mora em Abaeté e, juntamente com o grupo *Flor de Abacate*, gravou seu primeiro CD com 15 composições próprias (ANDRADE, 2004).

Em *Beco do Choro*, observa-se o típico estilo de Belini, com grandes frases em arcos de semicolcheias contínuas, a partir das quais se pode inferir a harmonia empregada (Exemplo 2).

semicolcheias contínuas
 arpejos delineiam harmonia

Exemplo 2: *Beco do Choro* de Belini Alves de Andrade.

Tabela 2: Lista de choros de Belini Alves de Andrade compostos em Belo Horizonte.

01	<i>Abdula no choro</i>	choro	1960
Homenagem ao sobrinho, filho de seu irmão Wagner			
02	<i>A bronca da nêga</i>	choro	1962
Bronca recebida pelo irmão Wagner			
03	<i>Acertaste, amigo</i>	choro	1945
Referência às previsões de um vidente que leu sua mão			
04	<i>Alice</i>	choro	1950
Homenagem à sua esposa			
05	<i>Andanças na praia</i>	choro	1950
Por ocasião de sua primeira viagem para Olinda à casa da filha Geisa.			
06	<i>Aperto de mão</i>	choro	1950
Referência ao um cumprimento não efusivo de uma visita em sua casa			
07	<i>A platibanda verde</i>	choro	1980
Perdidos em Olinda, os chorões tomaram como referência uma casa com platibanda verde			
08	<i>Beco do choro</i>	choro	1988
Bar tradicional de choro em Belo Horizonte			
09	<i>Boas maneiras</i>	choro	1943
10	<i>Briga de foice</i>	choro	1943
Briga entre roceiros durante pescaria no rio Paracatu			
11	<i>Café amargo</i>	choro	1941
Café após uma bebedeira, provido pela dona de uma pensão em Resende			
12	<i>Cafuné</i>	choro	1951
Para sua filha Maria das Graças			
13	<i>Cavaco de pinho</i>	choro	1941
14	<i>Chereta</i>	choro	1941
Para um homem que metia o bedelho em tudo			
15	<i>Chorinho em mi</i>	choro	1941
16	<i>Churrasquinho</i>	choro	1941
Petisco oferecido por uma senhora em pescaria no rio Paracatu			
17	<i>Ciceronando</i>	choro	1988

Homenagem ao acordeonista Cícero, com o qual tocava no bar Beco do Choro			
18	<i>Dadinho no choro</i>	choro	1985
Homenagem ao sobrinho Geraldo, filho do irmão Wagner			
19	<i>Enfatuado</i>	choro	1985
20	<i>Entre amigos</i>	choro	1985
21	<i>Faroleiro</i>	choro	1985
22	<i>FaSiLaSol</i>	choro	1985
23	<i>Fim de papo</i>	choro	1943
24	<i>Fusas nas teclas</i>	choro	1945
Para pianista da cidade de Três Pontas			
25	<i>Gingando</i>	choro	1960
Sobre criança que começou a dançar quando o compositor tocou o saxofone			
26	<i>Homenagem a Paulo Moura</i>	choro	1958
Importante saxofonista e clarinetista do choro carioca			
27	<i>Horário integral</i>	choro	1954
Sobre ordem recebida no exército			
28	<i>Inspirado</i>	choro	1988
Referência ao jornalista Durval Guimarães			
29	<i>Juliana</i>	valsa-choro	1988
Admiradora e freqüentadora do Beco do Choro			
30	<i>Libriano</i>	choro	1950
Signo do compositor Belini			
31	<i>Língua de cigano</i>	choro	1945
Sobre cigano que conseguia colocar a língua na testa			
32	<i>Mandi chorão</i>	choro	1982
Sobre amigo teve que a mão perfurada pelo ferrão do peixe em pescaria no Rio S. Francisco			
33	<i>Maria Tereza</i>	valsa-choro	1988
Para uma fã do Beco do Choro, enciumada por Juliana			
34	<i>Maroto</i>	choro	1985
35	<i>Matuto na praia</i>	choro	1960
36	<i>Meu amigo Corumbá</i>	choro	1960
Corumbá de Goiás Chaves, companheiro do Exército			
37	<i>Meu amigo Ivan</i>	choro	1960
Amigo da cidade de Abaeté			
38	<i>Milho verde</i>	choro	1945
39	<i>Minhas mágoas</i>	choro	1942
40	<i>No arraial</i>	choro	1942

41	Oi Tava no Choro	choro	1943
42	Pau amarelo	choro	1941
Praia no distrito de Paulista, cidade de Olinda			
43	Pimpão	choro	1941
44	Prá lá, prá cá	choro	1942
45	Primeiro rebento	choro	1948
Homenagem ao nascimento da primeira filha			
46	Quinta coluna	choro	1948
Após terem prendido um espião na época da revolução			
47	Receita de choro	choro	1948
Referência à música <i>Receita de Samba</i> Jacob do Bandolim			
48	Remanso	choro	1947
Remanso onde gostava de pescar no Rio S. Francisco			
49	Respingando	choro	1947
50	Rosana	valsa-choro	1979
Homenagem à sua filha.			
51	Sacatrapo	choro	1950
Referência a pescador que caiu de costas por puxar com tanta força o <i>sacatrapo</i> (vareta que limpa o cano da arma)			
52	Sai de baixo	choro	1950
Referência a uma tremenda briga em Abaeté			
53	Santinho	choro	1950
54	Sarapó	choro	1970
Isca para pegar o peixe Dourado			
55	Saudades de Olinda	choro	1980
56	Sentimento de um soprano	choro	1980
Um dos instrumentos do compositor			
57	Sintético	choro	1980
58	Solange	choro	1954
Filha do compositor			
59	Solitário	choro	1954
60	Sonhador	choro	1954
61	Tenoreando	choro	1941
Sobre aluno de Belini em Abaeté, que pulou e dançou ao ouvi-lo tocar o sax tenor			
62	Teus olhos	choro	1950

63	<i>Tirana</i>	choro	1950
64	<i>Tricordiano</i>	choro	1952
Para Pila, rapaz de Três Corações			
65	<i>Triste pensamento</i>	choro	1952
66	<i>Tudo errado</i>	choro	1942
67	<i>Um chorinho caprichado</i>	choro	1960
68	<i>Um chorinho em Abaeté</i>	choro	1988
69	<i>Um chorinho em pescaria</i>	choro	1988
70	<i>Um chorinho no cafundó</i>	choro	1988
71	<i>Um chorinho no porto</i>	choro	1988
Sítio de seu pai no distrito de Abaeté			
72	<i>Vai-Vem</i>	choro	1988
73	<i>Venha cá!!! Pituca...</i>	choro	1980
Sotaque nordestino da filha ao chamar sua cadela em Olinda			
74	<i>Zé Maria no choro</i>	choro	1988
Amigo clarinetista da cidade de Pedro Leopoldo			

2.3 Geraldo Lúcio Rosa de Alvarenga

Geraldo (ou Geraldinho) Alvarenga nasceu em 13 de setembro de 1957, em Itabira, Minas Gerais. Teve contato com a música desde muito cedo, pois fez parte de uma família musical. Sua mãe costumava montar grupos corais com os filhos, ensinando-os a cantar as diversas vozes da partitura.

Geraldinho despertou seu interesse para o violão aos 12 anos, tocando sucessos do rádio com os amigos, cujo repertório incluía músicas de Roberto Carlos e dos Beatles. No choro, entretanto, iniciou-se no pandeiro, por meio do professor Pedro de Caux. Ainda em Itabira, tocou em um grupo formado por Silvio Carlos (violão), Cláudio (bandolim) e ele na percussão.

Em 1976, Geraldinho mudou-se para Belo Horizonte, onde se dedicou ao estudo do cavaquinho. Participou do *Flor de Abacate* até 1988, e de-

pois, desligou-se deste grupo de choro para criar o grupo *Sarau Brasileiro*, ao lado de Cadinho Ruas (sete cordas), Cícero (acordem) e Ronaldo (pandeiro). Em 1994, houve uma reestruturação neste grupo que, hoje, conta com Geraldo Alvarenga (cavaquinho), Hélio Pereira (Bandolim e Trombone), Geraldo Magela (7cordas) e Isaías de Souza (o Zazá, no pandeiro).

O grupo *Sarau Brasileiro* é um dos grupos de choro mais representativos de Minas Gerais, tendo acompanhado músicos como Paulinho Pedra Azul, Roberto Silva, Emilinha Borba e Nelson Sargento, dentre outros. Como compositor, Geraldinho Alvarenga se dedica principalmente ao choro, sendo que doze de suas obras no gênero (Tabela 3) foram gravadas no primeiro CD do grupo *Sarau Brasileiro*. Tem em Jacob do Bandolim, Abel Ferreira e Pixinguinha suas principais influências na composição (ALVARENGA, 2004).

No choro *Teia de Aranha*, em que faz referência ao guitarrista Amauri Ângelo, conhecido pelo apelido de Aranha devido às fôrmas complexas de acordes que utiliza, Geraldinho Alvarenga recorre a contornos melódicos baseados em progressões harmônicas mais ricas e coloridas, com muitas extensões harmônicas¹⁰ (Exemplo 3).

Exemplo 3: *Teia de Aranha* de Geraldinho Alvarenga.

Tabela 3: Lista de choros de Geraldo Alvarenga compostos em Belo Horizonte.

01	<i>Amorosa</i>	Valsa-Choro	1988
02	<i>Belo caso de amor</i>	choro	2000
Homenagem aos 100 anos de Belo Horizonte			
03	<i>Café Belas Artes</i>	maxixe-choro	2002
Bar onde o grupo <i>Sarau Brasileiro</i> se apresentava às segundas-feiras			
04	<i>Colibri</i>	choro	2002
05	<i>Chorinho pro Baby</i>	choro	2000

Violonista Geraldo Magela, do grupo do compositor			
06	<i>Chora clarinete</i>	choro	2003
07	<i>Chorinho do Miguel</i>	choro	
Filho do compositor			
08	<i>Dois amores</i> (parceria com Paulinho P. Azul)	valsa-choro	1997
Pais do compositor			
09	<i>Esse é pra Maneca</i>	choro	
Filho do compositor			
10	<i>Juá de capote</i>	choro	2000
11	<i>Luciana</i>	valsa-choro	1988
Afilhada do compositor			
12	<i>Meu cavaquinho no frevo</i>	choro	2000
13	<i>Nina</i>	valsa-choro	1990
Avó do compositor			
14	<i>No bar do Bolão</i>	choro	1997
Referência ao bar de choro no bairro Padre Eustáquio, Belo Horizonte			
15	<i>O carnaval que vem</i>	samba-choro	1995
Referência a convite do amigo Yuri Guidelha			
16	<i>Sete cordas que choram</i>	choro	1988
Referência ao violonista Silvio Carlos			
17	<i>Sideral</i>	choro	
18	<i>Sonhando</i>	choro	2004
Referência ao amigo Felipe			
19	<i>Teia de aranha</i>	choro	2002
Referência ao guitarrista Amauri Ângelo (Aranha)			
20	<i>Tropical</i>	choro	2000
21	<i>Um chorinho pro Pereira</i>	choro	1990
22	<i>Vagalume</i>	choro	2000
23	<i>Zanzando</i>	choro	1999
Referência ao pandeirista de seu grupo, Isaías de Sousa (Zazá)			

2.4 Gustavo Humberto Monteiro

Gustavo nasceu no dia 23 de agosto de 1980 na cidade de Monte Sião, Minas Gerais. Desde cedo, foi influenciado pelo gosto musical dos pais, que tinham uma razoável biblioteca de discos. Com a chegada do

professor de violão Luiz Carlos Pennachi na cidade, resolveu estudar este instrumento, com um repertório que incluía principalmente MPB e os Beatles.

Descobrindo o gosto pelo desenvolvimento da técnica do instrumento, dedicou-se às aulas de violão clássico com Denis Bernard, um peruano recém-chegado à cidade. Foi também com este professor que estabeleceu seu primeiro contato com o choro. Em 1998, começou a estudar cavaquinho na cidade paulista vizinha de Serra Negra, na região de Campinas, onde entrou para um grupo de choro, aprendendo as práticas do gênero. Veio para Belo Horizonte em 2000, para cursar Direito. Nesta capital, travou contato com os chorões no *Bar do Bolão*. Em uma de suas saídas pela noite belorizontina, conheceu o cavaquinista Warley Henrique, no bar *Clube da Esquina*. Ali mesmo, após tocarem juntos, montaram uma parceria que dura até hoje. Como compositor, Gustavo se diz influenciado por Jacob do Bandolim. Seu choro *Cara a Cara* foi classificado no *Festival Curitiba no Choro*, chegando a ficar entre os doze finalistas. Atualmente, sua produção como compositor inclui 20 choros (Tabela 4). Toca violão de sete cordas nos grupos *Boca de Siri* e no *G. Guedes e trio*, ao lado do parceiro Warley Henrique (cavaquinho) e de Gabriel Guedes (bandolim), este filho de Beto Guedes (compositor e instrumentista do Clube da Esquina) e neto de Godofredo Guedes (um dos principais compositores e instrumentistas de seresta e choro em Montes Claros) (MONTEIRO, 2004).

Em *Um chorinho pro seu Ivan*, no qual faz referência a um violonista de sua cidade-natal, Gustavo deixa evidente seu gosto pelo cromatismo e por mudanças harmônicas por meio de acordes com notas comuns. A anacruse e a síncopa típicas do choro também estão presentes (Exemplo 4).

The image displays a musical score for a choro piece. It consists of two staves of music. The first staff is annotated with 'anacruse com síncopa' (indicated by a % symbol) and 'cromatismo'. Chord symbols above the staff include F, F°, F, and D7(b9). The second staff is also annotated with 'cromatismo' and 'acordes com notas comuns' (indicated by a double-headed arrow between the staves). Chord symbols below the second staff include Gm, Bbm6, C7, Am, Ab°, Gm, C7, and F.

Exemplo 4: *Um chorinho pro seu Ivan* de Gustavo Humberto Monteiro

Tabela 4: Lista de choros de Gustavo Monteiro compostos em Belo Horizonte.

01	<i>Brincadeira</i>	choro	2001
02	<i>Canção ao nosso amor</i>	choro	2003
Homenagem à namorada Daniela.			
03	<i>Cara a Cara</i>	choro	2002
04	<i>Desastrado</i> (parceria com Warley)	choro	2002
05	<i>Iniciando</i>	choro	2001
Referência à sua primeira composição			
06	<i>Intrigado</i>	choro	2001
07	<i>Minha menina</i>	choro	2002
Para a filha Giovanna			
08	<i>Molecagem</i>	choro	2002
09	<i>Ninguém segura</i>	choro	2003
10	<i>Pois é</i>	choro	2002
11	<i>Pra inglês ver</i> (parceria com Warley)	choro	2002
Após vitória do Brasil sobre a Inglaterra na Copa do Mundo de 2002			
12	<i>O sol se põe...</i>	choro	2004
13	<i>Saudade quando chora</i>	choro	2002
14	<i>Sonhei com você</i>	choro	2003
15	<i>Um chorinho pro seu Ivan</i>	choro	2001
Referência a um violonista da cidade de Monte Sião			
16	<i>Um choro em Minas</i>	choro	2003
17	<i>Vontade de chorar</i>	choro	2002
18	<i>Pra você</i> (parceria com Warley)	choro	2002
19	<i>Mais um chorinho</i> (parceria com Warley)	choro	2002
20	<i>Lembrando você</i>	choro	2002

2.5 Hélio Pereira

Hélio Pereira nasceu em Belo Horizonte em 17 de outubro de 1932, em uma família de muita tradição musical. Aos 10 anos de idade, já tocava com a avó e irmãos, todos violonistas. Ingressou como trombonista na Polícia Militar de Minas Gerais, levado pelo irmão. Sua mãe costumava acordá-lo às sete horas da manhã do domingo, a seu pedido, para ouvir o programa de rádio *Café com Choro*, tamanha sua admiração pelo gênero. Sua primeira turma de choro contava com Nonô (cavaquinho), Aláides (pandeiro), Antônio Aguilar (bandolim) e ele no violão. Frequentemente, reunia-se com os amigos na casa de João Castelhana (violão tenor) para escutar gravações de Jacob do Bandolim e outros grandes nomes do choro da época, e também para ensaiarem seu repertório.

Aos 25 anos, começou a tocar o 2º violão no regional de Waldir Silva, ao lado de Chiquinho no 1º violão, quando teve a oportunidade de se apresentar fora de Belo Horizonte, acompanhando nomes como Nelson Gonçalves, Sílvio Caldas, Orlando Silva, Jorge Veiga e Emilinha Borba. Realizou várias gravações, especialmente com o grupo do próprio Waldir Silva.

Por muito tempo, Hélio Pereira foi também o 2º trombone da Orquestra Sinfônica de Minas Gerais (OSMG), onde se aposentou. Após assistir a um show em que Ronaldo do Bandolim, do grupo *Época de Ouro* (Rio de Janeiro), interpretava Jacob do Bandolim, empolgou-se e comprou um bandolim, investindo boa parte de seu tempo no estudo deste instrumento. Logo, ingressou no grupo *Sarau Brasileiro*, tornando-se uma referência como multi-instrumentista do choro belorizontino, destacando-se como trombonista, violonista, cavaquinista e bandolinista. Compôs poucos choros, mas relevantes para a história do choro da cidade. Teve como referência composicional o bandolinista Jacob do Bandolim, seu maior ídolo (PEREIRA, 2004). Hélio Pereira compôs poucos choros (Tabela 5). Em *Olá companheiro*, alguns aspectos tradicionais do choro são evidentes, como a anacruse com síncope que inicia o tema, os saltos melódicos com intervalos de 6ª e 7ª, cromatismo, e os arpejos descendentes com a tríade e a sexta do acorde (Exemplo 5).

Exemplo 5: *Olá companheiro* de Hélio Pereira.

Tabela 5: Lista de choros de Hélio Pereira compostos em Belo Horizonte.

01	<i>Lá na Pedreira (PPL)</i>	choro	2001
Referência à região da Pedreira Prado Lopes			
02	<i>Olá companheiro</i>	choro	2002
03	<i>Pensando nela</i>	valsa-choro	1989
04	<i>Sarau</i>	choro	1990
Referência ao grupo de choro <i>Sarau Brasileiro</i>			

2.6 Silvio Carlos Silva Costa

Natural de Itabira, Minas Gerais, Silvio nasceu em 12 de fevereiro de 1957 e iniciou-se no violão com Pedro de Caux, em sua cidade natal. Em 1976, já em Belo Horizonte, estudou violão clássico com os professores Nelson Piló, Agostinho Bob e José Lucena, dedicando-se ao estudo do violão de sete cordas, a partir de 1978. Foi um dos fundadores do grupo de choro *Flor de Abacate* em 1978, do qual ainda é também violonista, produtor, diretor musical e arranjador. Com este grupo, gravou três CDs (*Flor de Abacate*, *Batuque e Belini e Flor de Abacate*). No primeiro CD, *Flor de Abacate*, além de Silvio, participavam do grupo Jorginho (cavaquinho), Ildeu (bandolim), Rubinho (bandolim), Camargo (pandeiro) e José Maria (clarinete).

Hoje, o grupo *Flor de Abacate* conta com Silvio Carlos (7cordas), Marcos Flávio (trombone), Camargo (pandeiro), Rubim (bandolim) e Dudu Braga (cavaquinho). Silvio Carlos participou de muitos programas e eventos culturais em Minas Gerais e outros estados, apresentando-se em diversos teatros, programas de TV e Rádio. Acompanhou músicos como Hermínio

Belo de Carvalho, Paulinho da Viola, Pernambuco do Pandeiro, Fernando Ângelo, Luiz Nassif, Ronaldo do Bandolim, entre outros. Tem como maior influência instrumental os violonistas Baden Powell e Dino 7cordas e suas composições também refletem influências de Pixinguinha e Jacob do Bandolim (COSTA, 2004).

Dentro das quase duas dezenas de choros que compôs (Tabela 6), *Saudade de Itabira* homenageia a cidade-natal do compositor. Alguns traços são característicos: a anacruse cromática em quiálteras que precede o tema de ampla tessitura e com contornos melódicos em curvas ascendentes e descendentes, a ênfase em ornamentos cromáticos (apojaturas e bordaduras) abaixo da nota fundamental dos acordes e grande utilização de seqüências da chamada síncopa brasileira (Exemplo 6).

The image shows a musical score for 'Saudade de Itabira'. It consists of two staves of music. The top staff has a treble clef and a 2/4 time signature. It starts with an Am9 chord and a melodic line with triplets. Above the staff, there are annotations: 'cromatismo e quiálteras em anacruse' with a symbol, 'síncopa brasileira' with a bracket, and 'fundamental com ornamento cromático' with an arrow pointing to a note. The bottom staff has a treble clef and a 2/4 time signature. It starts with a Dm7 chord and a melodic line with triplets. Below the staff, there are annotations: 'ampla tessitura melódica' with an arrow pointing to the melody, and 'fundamental com ornamento cromático' with an arrow pointing to a note. Chords are indicated above and below the staves: Am9, Dm7, E7, Am9, Gm6, A7, Dm7, Fm6, G7, C7M, F°, G#°, Am, Am, Bb.

Exemplo 6: *Saudade de Itabira* de Silvio Carlos Silva Costa.

Tabela 6: Lista de choros de Silvio Carlos Silva Costa compostos em Belo Horizonte.

01	<i>Bolão, o jacaré</i>	choro	2002
Ao amigo Raimundo "Bolão", violonista de 7 cordas			
02	<i>Cancela</i>	choro	1980
03	<i>Choro nº 1</i>	choro	1985/1992
04	<i>Choro nº 2</i>	choro	1985/1992
05	<i>Choro nº 3</i>	choro	1985/1992
06	<i>Choro nº 4</i>	choro	1985/1992
07	<i>Choro nº 5</i>	choro	1985/1992
08	<i>Choro nº 6</i>	choro	1985/1992
09	<i>Choro nº 7</i>	choro	1985/1992

10	<i>Choro nº 8</i>	choro	1985/1992
11	<i>Choro pra Cláudio</i>	choro	1980
Bandolinista amigo do compositor			
12	<i>Lembrando dos velhos tempos</i>	valsa-choro	1998
13	<i>Nove de outubro</i>	choro	1984
14	<i>Os quatro malandros</i>	choro	1984
15	<i>Pediu e ganhou</i>	choro	1983
Dedicado ao compositor e cavaquinista Geraldo Alvarenga			
16	<i>Pedrinho de Caux</i>	choro	2001
Amigo e professor do compositor			
17	<i>Saudade de Itabira</i>	choro	1981
Terra natal do compositor			
18	<i>Tantos anos sem Ele (Rafael)</i>	choro	1982
Referência ao irmão falecido			

2.7 Waldir Silva

Nascido em Bom Despacho, Minas Gerais, no dia 28 de maio de 1931, Waldir Silva morou em várias cidades mineiras como Pará de Minas, Divinópolis e Pitangui, uma vez que seu pai, ferroviário, trabalhava nas férias cobrindo o serviço de colegas para aumentar a renda familiar, dentro da vida difícil que levavam. Nessas andanças, o pai observou o interesse musical de Waldir que, nos parques de diversão, ao contrário da maioria das crianças, preferia não brincar e ficar atento às músicas que tocavam.

Em uma de suas viagens, seu pai lhe trouxe um cavaquinho usado, muito antigo, que custou, à época, 9 mil réis. Waldir tinha 12 anos e morava em Pitangui. Foi então que começou a procurar músicos para lhe ensinar os gêneros populares. Nas suas próprias palavras, ele ficava "...como um carrapato atrás da turma da seresta da cidade... o interesse era tanto que eu chegava a ser chato!" (SILVA, 2004). Na cidade, após as missas, os jovens ficavam conversando e praticando o *footing*, gíria da época para os flertes ao redor do jardim da praça. Era ali também que a turma da seresta combinava suas saídas musicais em Pitangui. Para se verem livres da insistência do quase-criança Waldir, os músicos adultos arranjavam diversas desculpas. Segundo Silva (2004),

...eles mentiam dizendo que não haveria seresta naquela noite...eram as mais variadas desculpas, o violão quebrou, a mãe de um está doente, o outro com dor de cabeça. Era só eu ir embora, que daí a pouco eles se juntavam e saíam tocando.

Driblado nas suas tentativas, Waldir, mesmo já deitado, ouvia o som da seresta passando, mas se levantava rapidamente e os alcançava. Não conseguiram vencer a sua obstinação em aprender a tocar choro e participar das rodas e serestas ainda na infância.

Seu primeiro professor em Pitangui, José Patesco, editou um método para violão chamado *Violão a jato*. Waldir tinha então entre 14 e 15 anos e, no início das aulas semanais de cavaquinho, teve muita dificuldade de se adaptar à afinação Ré, Sol, Si, Ré, pois conhecia apenas a afinação Ré, Sol, Si, Mi.

Aos 16 anos, fez um concurso na Rede Ferroviária Mineira, instituição na qual ingressou como telegrafista. Aos 17 anos, conseguiu uma transferência para Belo Horizonte, onde pretendia se desenvolver suas habilidades musicais. Passou a morar com um tio e começou a ter aulas com Catarino Santana. Quatro anos depois, empregou-se nos Correios e Telégrafos. Nesta época já admirava o cavaquinista Índio, o flautista Altamiro Carrilho e o clarinetista e saxofonista Luiz Americano. Nas aulas com Catarino, Waldir Silva costuma acompanhar os solos do professor no violão tenor, aprendendo com ele obras do repertório básico, como *Carinhoso*, de Pixinguinha. Depois, estudou com Osvaldo Gonçalves do Carmo, com quem aprendeu a solfejar. A partir daí, passou a estudar sozinho, mas sempre atento às dicas dos colegas, ouvindo discos e o rádio.

Em 1950, no programa da Rádio Inconfidência chamado *Informador Sonoro*, o locutor pedia a quem tivesse poemas sertanejos que os enviassem para serem declamados. Foi então que Waldir enveredou-se por este lado, recebendo o apelido de "poeta mineiro". Waldir lamenta-se, hoje, de não ter guardado nenhum de seus poemas.

Catarino Santana pediu a Elias Salomé, dono de uma escola de rádio, uma chance para Waldir na Rádio Inconfidência. Lá tocavam Elias no acordeom e Luiz Reis no violão, que ao verem Waldir tocar o cavaquinho, lhe disseram que com um instrumento de qualidade tão ruim (o mesmo, velho, que seu pai lhe dera na infância), não poderia tocar na Rádio. Waldir então procurou seu pai, que tomou um empréstimo no antigo Banco de

Minas e comprou-lhe um cavaquinho *Gianinni* preto, novo. Assim, ingressou na Rádio Inconfidência, tendo sua carteira de trabalho assinada em fevereiro de 1951. Juntamente com Alberto e Didi, chegou a participar de um trio vocal nos moldes do *Trio Iraquitã*. Finalmente, Genaro Cruz (acordeom), um compadre de Juscelino Kubistchek, notório admirador de serestas e choro, o convidou para participar de seu regional. O volume de trabalho na rádio era tão grande, que houve necessidade de se criar um segundo regional. Assim, participou do chamado “Regional B” da Rádio Inconfidência juntamente com Milton Mota (violão), Alcemar (Trompete), João Fagundes (violão), Bororó (percussão) e Osvaldo Jordão (pandeiro). Naquele tempo, havia diversos programas de auditório nos quais Waldir trabalhava, geralmente com a apresentação de cantores e cantoras. Entre esses, Waldir acompanhou Emilinha Borba, Marlene, Nelson Gonçalves, Ciro Monteiro, Blecaute, Luiz Gonzaga, Francisco Carlos, Ari Barroso, Vicente Celestino, Sílvio Caldas, Carmélia Alves (a Rainha do Baião) e Jorge Veiga. Entre os programas, destacava-se o programa *Só para mulheres*, dirigido por Ramos de Carvalho e animado por Aldair Pinto.

Em 1955, um xará de Waldir Silva o qual muito o influenciaria, ganha destaque no cenário musical brasileiro: o grande Waldir Azevedo, também tocador de cavaquinho. Waldir Azevedo revolucionou a história do choro realizando solos no cavaquinho, instrumento que até então era utilizado somente no acompanhamento. Suas composições *Brasileirinho* e *Delicado* faziam tanto sucesso que se formavam filas nas portas das lojas para a compra de seus discos. No meio desta febre musical, Waldir começou a também estudar solos no cavaquinho. Batia o ponto no relógio da Rádio e subia para o terraço para ficar estudando sozinho, chegando a ficar até a madrugada. Confiante, Waldir começou a pensar em gravar um disco. Foi ao Rio e São Paulo, mas não conseguiu falar com ninguém, apesar das longas esperas nas portas das gravadoras e das cartas de recomendação. Chegou a tocar para Altamiro Carrilho, de passagem por Belo Horizonte, na esperança de que este pudesse auxiliá-lo. Altamiro lhe explicou que, no Brasil, naquele momento, as gravadoras só se interessavam pelo cavaquinho de Waldir Azevedo, a menos que ele aparecesse com algo “diferente”.

Foi então que Waldir Silva teve a idéia de compor uma música baseada nas mensagens em código Morse, com o qual já trabalhava há muito tempo nos correios. Foi a São Paulo e se apresentou para o maestro Hervé Cordovil

(PANIAGO, 1997), pianista mineiro e diretor artístico da gravadora Copacabana. Cordovil se empolgou, anotou a música em papel pautado, contribuindo com algumas sugestões. Fizeram um arranjo e Waldir então gravou seu primeiro disco, um compacto com o choro *Telegrama Musical* de um lado e o dobrado *Belo Horizonte* do outro, concretizando assim seu sonho. Esta gravação fez muito sucesso, tornando-se o hino dos telegrafistas brasileiros, ao mesmo tempo em que abriu várias portas na carreira artística de Waldir Silva. A partir daí, gravou mais de 20 discos, desde os discos de 78 rotações até os modernos CDs, passando pelos discos compactos e LPs (Tabela 7).

Tabela 7: Lista de discos gravados por Waldir Silva entre 1961 e 2010.

Discos de 78 rotações
<i>Telegrama Musical e Belo Horizonte</i> (1961, Copacabana) <i>Veludo e Rojão do Cangerê</i> (1962, Copacabana)
Discos Compactos
<i>Cavaquinho de Ouro</i> (1964, Copacabana) <i>Waldir Silva Temas da novela Pecado Capital</i> (1964, Tapeocar)
LPs
<i>Um Cavaquinho sobre a Cidade</i> (1963, Copacabana) <i>Cavaquinho de Ouro</i> (1964, Copacabana) <i>Um cavaquinho diferente</i> (1965, Copacabana) <i>Saudade Presente</i> (1966, Bemol) <i>Saudade Presente Vol. II</i> (1969, Bemol) <i>Feitiço da Vila</i> (1971, Bemol) <i>Zíngara</i> (1974, Bemol) <i>Telegrama Musical</i> (1978, Bemol) <i>Cavaquinho Camarada</i> (1977, RCA Victor) <i>Cavaquinho Camarada Vol. II</i> (1978, RCA Victor) <i>Cavaquinho Camarada Vol. III</i> (1981, RCA Victor) <i>O melhor do Choro</i> (1984, Bemol) <i>Cavaquinho para Todos</i> (1986, Empowermen) <i>Valsa dos Namorados e outras Valsas de Ouro</i> (1988, Brasidisc)
CDs
<i>Boleros de Ouro</i> (1992, Movie Play) <i>Boleros de Ouro</i> (1994, Movie play) <i>Grandes Sucessos de Waldir Silva</i> (1995, Europa) <i>Tangos e Boleros</i> (1995, Movie Play) <i>Nos tempos de Ernesto Nazaré e Zequinha de Abreu</i> (2002, Movie Play) <i>Natal brasileiro. Um momento de paz</i> (2005, Movie Play) <i>Clássicos em ritmo de Bolero</i> (2007, Movie Play) <i>O melhor de Waldir Silva</i> (2008, Movie Play) <i>Vinte super sucessos</i> (2008, Poly Disc) <i>Os mais belos Tangos e Boleros</i> (2010, Movie Play)

Dois de seus choros (Tabela 8) chegaram a ser utilizados na trilha sonora da telenovela *Pecado Capital* da Rede Globo de Televisão: *Quatro Cordas que Choram* e *Castelo de Amor*, cujo tema deste último foi associado à personagem Emilene (SILVA, 2004).

Tabela 8: Lista de choros de Waldir Silva compostos em Belo Horizonte.

01	<i>Castelo de amor</i>	choro	1977
Tema da personagem Emilene da novela <i>Pecado Capital</i> da Rede Globo de Televisão			
02	<i>Cavaquinho triste</i>	choro	1973
03	<i>Duas lágrimas</i>	choro	1963
04	<i>Ficou na saudade</i>	choro	1966
05	<i>Minas ao Luar</i>	valsa-choro	1995
Referência ao projeto do SESC de levar grupos de seresta e choro pelo interior de Minas Gerais			
06	<i>Paraibeiro</i> (Parceria com Zé Ramalho)	choro	1981
Referência aos estados dos próprios compositores (um paraibano e um mineiro)			
07	<i>Quando chora um cavaquinho</i>	choro	1963
08	<i>Quatro cordas que choram</i>	valsa-choro	1977
Composta para a novela <i>Pecado Capital</i> da Rede Globo de Televisão			
09	<i>Telegrama Nº 2</i>	choro	1963
10	<i>Uma saudade (ao meu Xará)</i>	choro	1981
Homenagem ao xará Waldir Azevedo			
11	<i>Veludo</i>	choro	1962
Homenagem ao acordeonista de mesmo apelido			

Waldir se diz influenciado por diversos compositores, mas especialmente por Waldir Azevedo. Atualmente, continua tocando com seu grupo, *Waldir Silva e Grupo* e percorre todo estado de Minas Gerais, participando de projetos como *Minas ao Luar* e *Minas em Serenata*, animando bailes, dando continuidade a uma carreira que se confunde com a história do choro em Belo Horizonte.

No choro *Uma saudade (ao meu Xará)*, composto em homenagem ao ídolo e famoso xará Waldir Azevedo e editado pela RCA Victor no disco *Cavaquinho Camarada Vol. III* (1981), Waldir Silva recorre ao nostálgico espírito seresteiro com apojeturas cromáticas e linhas melódicas que incluem grandes saltos melódicos (de 6ª e 7ª) e expressivas notas longas (Exemplo 7).

Exemplo 7 - *Uma saudade (ao meu Xará)* de Waldir Silva

2.8 Warley Henrique Dalmásio

Warley nasceu em Belo Horizonte, em 15 de abril de 1984. Sua avó, violonista, o influenciou desde pequeno. Motivado pelo sucesso dos grupos de pagode, pediu ao pai um cavaquinho quando tinha 15 anos. Após uma única aula com Zé do Cavaco, vizinho no bairro Concórdia, começou a praticar em casa, sozinho. No seu bairro, freqüentava um bar onde se tocava pagode, para observar os cavaquinistas. Em seguida, montou seu próprio grupo de pagode com amigos. Seu primeiro contato com o choro se deu com um CD de Waldir Silva, comprado pelo pai. A partir daí, começou a ouvir e a tirar solos de ouvido.

Já com alguns choros no seu repertório, deu uma canja no *Bar da Dona Célia*, na Rua Jacuí, onde tocava Renato Rocha (violão), que o convidou para freqüentar sua casa e estudar mais o choro, a fim de aumentar seu repertório e poderem tocar juntos em festas e bares da cidade. Aos 16 anos, fez seu primeiro choro chamado *Caminhando Juntos*, numa referência ao seu instrumento, o cavaquinho. Em 2001, conheceu Gustavo Monteiro, parceiro com o qual regularmente toca e tornou-se parceiro na composição de alguns dos nove choros de sua produção (Tabela 9). Em 2002, participou do concurso *Prêmio BDMG Instrumental* concorrendo com três choros de sua autoria, chamados *Pra Inglês Ver*, *Desastrado* e *Recomeçando*, com os quais foi um dos vencedores. No mesmo ano, venceu o concurso *Jovem Instrumentista BDMG*, cujo prêmio foi uma bolsa de estudos para aprimorar-se com um professor de seu instrumento, à sua escolha. Então, começou a estudar com Geraldinho Alvarenga, com quem desenvolveu sua base teórica

musical. Após este contato com Geraldinho, integrou o grupo *Sarau Brasileiro* em diversas apresentações. Atualmente, Warley faz apresentações em vários locais e eventos com seu grupo *Boca de Siri*, tocando também com os grupos *G. Guedes e Trio* e *Sarau Brasileiro* (DALMÁSIO, 2004).

Em *Desastrado*, choro composto em parceria com Gustavo Monteiro, Warley Henrique parece utilizar um fraseado cuja rítmica e seqüência melódica sugere a construção de um clímax típico da linguagem erudita. Nota-se também a utilização de arpejos triádicos e fragmentos cromáticos ascendentes e descendentes (Exemplo 8).

Exemplo 8 - *Desastrado* de Warley Henrique e Gustavo Monteiro

Tabela 9: Lista de choros de Warley Henrique compostos em Belo Horizonte.

Nº	Título	Gênero	Ano
Dedicatória			
01	<i>Caminhando juntos</i>	choro	2000
Primeira obra do compositor; referência ao seu cavaquinho			
02	<i>Deixa comigo</i>	choro	2002
03	<i>Desastrado</i> (parceria com Gustavo)	choro	2002
04	<i>Mais um chorinho</i> (parceria com Gustavo)	choro	2002
05	<i>Pra inglês ver</i> (parceria com Gustavo)	choro	2002
06	<i>Pra você</i> (parceria com Gustavo)	choro	2002
07	<i>Recomeçando</i>	choro	2002
08	<i>Quanto tempo</i>	choro	2003
09	<i>Saudades de você</i>	choro	2003
Homenagem a Silvana, mãe do compositor			

Considerações finais

A consolidação do choro no Rio de Janeiro coincide com a fundação da cidade de Belo Horizonte, ambos ocorrendo no final do século XIX. No início do século XX, por meio de partituras, o choro carioca começa a chegar à capital mineira, cujo movimento musical surge logo após a fundação da cidade. Em seguida, a criação da Banda do Corpo de Bombeiros no Rio de Janeiro, emblemática para história do choro e pelas primeiras gravações do gênero, se reflete em Belo Horizonte como um modelo para a popularização do choro nas bandas militares e de retreta. O acesso às estas gravações deu a oportunidade dos músicos mineiros terem contato com a sonoridade das reais práticas de performance que caracterizam o sotaque carioca do choro, inexistente nas partituras. Esporadicamente, a visita de grupos de choro do Rio, como os *Oito Batutas* em 1920, ajudou a consolidar a autonomia do gênero na cidade.

Na década de 1930, a Rádio Mineira e, especialmente, a Rádio Inconfidência e a Rádio Guarani, deram ao choro um impulso enorme em Belo Horizonte, em função da agilidade e flexibilidade dos regionais de choro dentro da programação com cantores ao vivo, transmitida para milhares de ouvintes. Após as décadas de 1930 a 1950, que podem ser consideradas a era de ouro do choro, observou-se uma decadência dos regionais, e do gênero como um todo, na década de 1960, em função de uma programação cada vez mais mecânica e pelo fato da mídia ter se ocupado com os novos estilos musicais (bossa-nova, jovem guarda, canções de protesto e tropicalismo). O cerco da ditadura brasileira à música com letra e o fim dos festivais da canção prepararam o terreno para a redescoberta dos gêneros instrumentais, como o choro, na década de 1970. Nesse período, o compositor-instrumentista Waldir Silva ganha evidência nacional e ajuda a abrir o caminho para outros regionais, como *Naquele Tempo*, *Abandonado Choro*, *Sacatrapo*, *Sarau Brasileiro*, *Pedacinhos do Céu*, *Clube do Choro* e *Flor de Abacate*.

Dentro das centenas de compositores e instrumentistas de choro atuantes hoje em Belo Horizonte, destaca-se um seleto número de oito compositores-intérpretes chorões que sintetizam três gerações inteiramente dedicadas ao gênero. Sua produção composta apenas nesta cidade totalizou, ao final da catalogação das composições em 2005, 164 obras. Tes-

temunhas do início da história do gênero em Belo Horizonte estão o mais profícuo deles, Belini Alves de Andrade, o multi-instrumentista Hélio Pereira e o cosmopolita e com maior reconhecimento nacional Waldir Silva. Representando a geração que surgiu durante o renascimento do choro em Belo Horizonte, estão Geraldo R. L. de Alvarenga, Sílvio Carlos Costa e Ausier V. Santos. Finalmente, dentro da mais nova geração de chorões, com uma formação mais diversificada (que inclui influência da música erudita, rock e pagode) e ainda desenhando seu caminho na história do choro em Belo Horizonte, estão Gustavo Humberto Monteiro e Warley Henrique Dalmásio.

Notas

- ¹ *Leadsheet*, o tipo de partitura mais comum na música popular, geralmente inclui apenas a melodia e os acordes simplificados na forma de cifras e, algumas vezes detalhes rítmicos (“convenções”) ou de instrumentação.
- ² Os regionais de choro se consolidaram na década de 1920, mas tem origem quase dois séculos antes, com grupos associados à música de caráter regional, compostos principalmente pelas *violas de arame* (predecessoras dos violões), *machete* (nome do atual cavaquinho) e *pandeiro*. CAZES p. 85.
- ³ Segundo BRASIL DE MATOS GUEDES (2003, p. 13), “As baixarias são contracantos graves realizados no choro. O termo pode designar: a) a linha formada pelos baixos da progressão dos acordes em uma determinada passagem; b) um desenho ou gesto melódico, por parte dos acompanhadores de tessitura grave, que normalmente conduz de um acorde a outro, que preenche os momentos de maior repouso da melodia principal ou ainda que define um estilo de levada”.
- ⁴ Patápio Silva (1880-1907) foi um exímio flautista carioca.
- ⁵ Nome de um choro famoso composto por Pixinguinha.
- ⁶ Nome de um choro famoso composto por Álvaro Sandim.
- ⁷ Canja é o nome que popularmente os músicos dão a participação de um músico que não é do grupo e que toca algumas músicas com o conjunto que está se apresentando.
- ⁸ Nome de um choro famoso composto por Waldir Azevedo.
- ⁹ Bolão é o apelido do Sr. Raimundo José dos Reis, violonista de sete cordas dono do *Bar do Bolão*, hoje administrado pelo filho Aroldo.
- ¹⁰ No meio popular, as extensões harmônicas, do inglês harmonic extensions, são também chamadas pela corruptela “tensões”.

Referências:

ALBIN, Ricardo Cravo. **O livro de ouro da MPB: a história de nossa música popular, de sua origem até hoje**. Rio de Janeiro: Ediouro Publicações, 2003.

ALVARENGA, Geraldo Lúcio Rosa de. **Entrevista de Geraldo Lúcio Rosa de Alvarenga concedida a Marcos Flávio de Aguiar Freitas**. Belo Horizonte, março de 2004. (Fita cassete)

_____. **Teia de Aranha**. Belo Horizonte: manuscrito do autor, 2002. (Partitura)

ANDRADE, Belini Alves de. **Beco do Choro**. Belo Horizonte: manuscrito do autor, 1988. (Partitura)

_____. **Chorinhos em Desfile**. Álbum. Cópias manuscritas de Berenice Menegale. Belo Horizonte: Imprensa Universitária, 1988. (Partituras)

_____. **Entrevista de Belini Alves de Andrade concedida a Marcos Flávio de Aguiar Freitas**. Belo Horizonte, maio de 2004. (Fita cassete)

ANTÃO, Acir. **Entrevista de Acir Antão concedida a Marcos Flávio de Aguiar Freitas**. Belo Horizonte, abril de 2004. (Fita cassete).

BAHIANA, Ana Maria. Música instrumental: o caminho do improvisado à brasileira. In: **Anos 70: 1 – Música popular**. Org. Adauto Novaes. Rio de Janeiro: Europa, 1979/1980.

CABRAL, Sérgio. **Pixinguinha: vida e obra**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Lumiar, 1997. 283 p.

CAZES, Henrique. **Choro: Do quintal ao municipal**. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 1999. 204 p.

CAMARGO, Oszencliver. **Entrevista de Oszencliver Camargo concedida a Marcos Flávio de Aguiar Freitas**. Belo Horizonte, março de 2004. (Fita cassete)

COSTA, Sílvio Carlos Silva. **Entrevista de Sílvio Carlos Silva Costa concedida a Marcos Flávio de Aguiar Freitas**. Belo Horizonte, março de 2004. (Fita cassete)

_____. **Saudade de Itabira**. Belo Horizonte: manuscrito do autor, 1981. (Partitura)

DALMÁSIO, Warley Henrique. **Entrevista de Warley Henrique Dalmásio concedida a Marcos Flávio de Aguiar Freitas**. Belo Horizonte, março de 2004. (Fita cassete)

DALMÁSIO, Warley Henrique; MONTEIRO, Gustavo. **Desastrado**. Belo Horizonte: manuscrito dos autores, 2002. (Partitura)

DUARTE, Cristiano Lages. **Juvenal Dias da Silva: Um Virtuoso da Flauta em Minas Gerais**, 2001. 142 f. (Dissertação de Mestrado em Música Brasileira) UEMG/UNIRIO/CAPES, Rio de Janeiro 2001.

BRASIL DE MATOS GUEDES, Alexandre. **Introdução à Poética do Contrabaixo no Choro: O Fazer do Músico Popular entre o Querer e o Dever**, 2003. 180 f. (Dissertação de Mestrado em Música). UNIRIO, Rio de Janeiro, 2003.

LISBOA, Renato Rodrigues. **A escrita idiomática para tuba nos dobrados Seresteiro, Saudades e Pretensioso de João Cavalcanti**. Belo Horizonte: UFMG, 2005 (Dissertação de Mestrado em Música).

MONTEIRO, Gustavo Humberto. Entrevista de Gustavo **Humberto Monteiro concedida a Marcos Flávio de Aguiar Freitas**. Belo Horizonte, março de 2004. (Fita cassete)

_____. **Um chorinho pro seu Ivan**. Belo Horizonte: manuscrito do autor, 2001. (Partitura)

PANIAGO, Maria do Carmo Tafuri. **Hervé Cordovil: um gênio da música popular brasileira**. São Paulo: João Scortecci Editora, 1997.

PRATA, Nair. A história do rádio em Minas Gerais. **Anais do XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Belo Horizonte: UNIBH, 2003.

PEREIRA, Hélio. **Entrevista de Hélio Pereira concedida a Marcos Flávio de Aguiar Freitas**. Belo Horizonte, março de 2004. (Fita cassete)

_____. **Olá companheiro**. Belo Horizonte: manuscrito do autor, s.d. (Partitura)

SECRETARIA DE CULTURA, PREFEITURA DE BELO HORIZONTE. **Sociedade Musical Carlos Gomes: cem anos marcando o compasso da nossa história**. 1995, 268 p.

SANTOS, Ausier Vinícius dos. **Chorinho da Jéssica**. Belo Horizonte: manuscrito do autor, 1991. (Partitura)

_____. **Entrevista concedida a Marcos Flávio de Aguiar Freitas**. Belo Horizonte, março de 2004. (Fita cassete)

SILVA, Waldir. Entrevista de **Waldir Silva concedida a Marcos Flávio de Aguiar Freitas**. Belo Horizonte, março de 2004. (Fita cassete)

_____. **Uma saudade (ao meu Xará)**. Partitura. São Paulo: Grupo Editorial RCA, 1981.

Referências de áudio e vídeo:

CORTA JACA. **Corta Jaca**. CD Independente. Belo Horizonte, 2005.

_____. **Mina de Choro**. CD Independente. Belo Horizonte, 2008.

_____. **Na levada do Choro: Um almanaque musical**. Dirigido e produzido por Corta Jaca. DVD Independente. Belo Horizonte, 2008.

FLOR DE ABACATE. **Flor de Abacate**. CD Independente. Belo Horizonte: Bemol, 1999.

_____. **Batuque**. CD Independente. Belo Horizonte: Bemol, 2002.

_____. **Belini Andrade e grupo Flor de Abacate**. CD Independente. Belo Horizonte: Bemol, 2004.

FREDERICO, Marcos. **Sinuca Tropical**. CD Independente. Belo Horizonte (2007).

SARAU BRASILEIRO. **Sarau Brasileiro interpreta Geraldo Alvarenga**. CD Independente. Belo Horizonte, 2001.

HENRIQUE, Warley. **Delicado**. CD Independente. Belo Horizonte (2008).

Marcos Flávio de Aguiar Freitas - Mestre em Música pela UFMG, Especialista em Práticas Interpretativas da Música Brasileira pela UEMG e Bacharel em Trombone pela UFMG. É Professor Assistente da Escola de Música da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) onde desenvolve intensa atividade didática como professor de Trombone e Coordenador do Coral de Trombones da UFMG. Já se apresentou com músicos como Radegundis Feitosa (BRA), Jacques Mauger (FRA) e Brandt Attema (NED) e maestros como Fábio Mechetti, Ailton Escobar e Roberto Duarte. Na música popular participa de vários grupos, dentre eles os grupos de Choro *Flor de Abacate*, *Belo Choro* (Clube do Choro de Belo Horizonte), *Clube do Choro de Betim* e *Choro de Minas* e no Samba faz parte dos grupos *Zé da Guimar* e *Copo Lagoinha*. Já acompanhou artistas como Frank Sinatra Jr. (EUA) e Maria Schneider (EUA). Fez participações em vários discos e tem dois CDs solo, *CHOROBONE* (2005) Choro e *TROMBONES GERAES* (2007) Erudito.

Fausto Borém - Professor Associado da Escola de Música da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), onde criou o Mestrado em Música e a *Revista Per Musi*. É pesquisador do CNPq desde 1994 e seus resultados de pesquisa incluem um livro, três capítulos de livro, dezenas de artigos sobre práticas de performance e suas interfaces (composição, análise, musicologia, etnomusicologia e educação musical) em periódicos nacionais e internacionais, dezenas de edições de partituras e apresentação de recitais nos principais eventos nacionais e internacionais do contrabaixo. Recebeu diversos prêmios no Brasil e no exterior como solista, teórico, compositor e professor. Acompanhou músicos eruditos como Yo-Yo Ma, Midori, Menahen Pressler, Yoel Levi, Fábio Mechetti, Luiz Otávio Santos, Arnaldo Cohen, Antônio Menezes e músicos populares como Hermeto Pascoal, Egberto Gismonti, Henry Mancini, Bill Mays, Kristin Korb, Grupo UAKTI, Toninho Horta, Juarez Moreira, Tavinho Moura, Roberto Corrêa e Túlio Mourão. Suas gravações incluem o CD *Brazilian Music for the Double Bass*, o CD e DVD *O Aleph* de Fabiano Araújo Costa, os CDs da Orquestra Barroca do Festival Internacional de Juiz de Fora de 2005 a 2009 (com Luiz Otávio Santos), a *Suite for Flute and Jazz Piano* de Claude Bolling (com Maurício Freire, Tânia Mara e Eduardo Campos) e *No Sertão* (com o violista Roberto Corrêa) e *Cidades Invisíveis* (com o saxofonista Daniel d'Olivier).
